

Os limites da Psicologia Educacional – 1983*

Joel Martins

É lugar-comum entre os pensadores contemporâneos da Psicologia, que a tratam segundo uma visão histórica, deplorar a falta de unidade nessa área de conhecimento. Antigamente, incriminava-se a falta de diversidade de doutrinas; hoje, encontra-se a multiplicidade de especializações.

As grandes doutrinas psicológicas são anteriores à Segunda Guerra Mundial: o associacionismo, a escola de Würzburg, o comportamentismo, a teoria gestáltica, a psicanálise e a fenomenologia. Na segunda metade do século, foi a profissão de psicólogo que se tornou mais interessante do que a própria Psicologia. Passou-se a constatar, segundo as atividades desenvolvidas pelos psicólogos, a presença de uma Psicologia experimental, uma Psicologia social, uma Psicologia clínica. Esta tem sido uma solução desesperada de definir uma ciência segundo aquilo que os pesquisadores fazem e os métodos que empregam nas suas buscas, mais do que o gênero de coisas pesquisadas que deve produzir o conhecimento. Aí está uma razão suficiente para que a Psicologia pare nessa trajetória. A ciência começa, então, a dissolver-se em Psicologia fisiológica, Psicossomatismo, Psicopatologia, Psicanálise, Psicoterapia, Psicofarmacologia, Psicologia Educacional, Psicologia Projetiva, Psicolinguística, Psicologia de Grupos, Psicologia Industrial, Psicologia Econômica, Psicologia Médica.

Uma reflexão diante de cada um dos grandes momentos na evolução histórica da Psicologia seria suficiente para sustentar a existência de ontologias várias, que vêm segmentando a ciência. Isto se dá especificamente na Psicologia Aplicada à Educação, comumente denominada, intencionalmente ou por tradução, Psicologia Educacional. Esta nova área de estudos da Psicologia indica aqueles problemas ou questões com que ela deveria preocupar-se.

* Este texto foi originalmente publicado em *Vévedas* – Revista da PUC-SP n. 102-103 (São Paulo, Educ, 1983). Reprodução autorizada.

Na tentativa de definir Psicologia Educacional, a tendência é colocar o seu surgimento no início do século, aproximadamente em 1903, com a publicação do livro de Thorndike.

Ao pararem aí, os investigadores no campo da Psicologia já formalizaram, por simples aceitação do uso, uma área de estudo cujos objetivos estão circunscritos pela crença e aceitação, ligando-se às atividades da Psicologia no seu sentido amplo de ciência humana apenas por um método.

Tal postura é justificada pelo cientificismo que sempre dominou o pensar dos psicólogos. A preocupação e a insegurança têm levado os psicólogos a fazerem as maiores concessões à ciência de ordem geral, no sentido de garantir à Psicologia um estatuto de ciência empírica. Fazer psicologia, portanto, é fazer ciência natural e não ciência humana, pois esta estaria ainda vinculada ao pensar filosófico e assumiria o seu método no tratamento da problemática a ser estudada.

No momento em que o empirismo inglês se expandiu, desvinculando-se do pensar filosófico e assumindo um meio de fazer as coisas e de “explicar” mais do que “compreender” os fenômenos, exaltando o seu aspecto metodológico e pragmático, juntamente com o experimentalismo de laboratório alemão, representado por Wundt, inicia-se para a Psicologia um caminho que aos psicólogos pareceu mesmo muito promissor. Hoje, já se coloca como marco inicial da Psicologia científica o ano de 1879, no laboratório de Wundt, onde as sensações, a memória e o pensamento eram estudados experimentalmente. Este caminho mostrava-se promissor aos psicólogos, porque a Psicologia desvinculava-se, agora de vez, do pensar o homem e sua natureza como humanos, preferindo tratá-los por meio do método das ciências naturais.

Acho que o surgimento da Psicologia Aplicada à Educação ou, melhor, como a Psicologia passou a preocupar-se com a Educação, tem suas raízes numa trajetória histórica bastante longa. De fato, poderíamos encontrar já em Platão (na *República*) um pensar a Psicologia. Mais ainda, encontraremos uma preocupação básica e primordial com a questão da educação: a importância dada às crianças e os cuidados que se devem ter com elas, para que não sejam corrompidas pelos adultos.

Deve-se prover a cada criança uma igualdade de oportunidades educacionais, pois não se sabe quando e em que momento a luz do talento e da genialidade poderá surgir.

Essa possibilidade deveria ser buscada sempre, em qualquer lugar e em qualquer raça... Continua Platão, ainda, a fazer referências a um plano educacional a ser desenvolvido por meio da educação (*Protágoras*).

O método sugerido é o pensar e o governar claramente. O primeiro aspecto é metafísico, enquanto o segundo é político. Dessa forma, portanto, as crianças precisam aprender a pensar de maneira clara e, por isso mesmo, deveriam ser introduzidas nos estudos sobre as idéias.

No *De Anima*, Aristóteles inicia uma trajetória em direção à Psicologia, deixando bem clara sua crença numa fórmula humana de atuar. Preocupa-se com a questão da educação no seu sentido mais amplo, de forma a defender a importância da escola pública (política).

Como não poderia ser de outra forma, Francis Bacon, no *Novo Organum*, tratou também do problema da Psicologia e, ao fazê-lo, manifesta-se um perfeito behaviorista. Exige um método restrito e resolutivo do princípio da causalidade para a ação humana e procura, dessa forma, eliminar toda possibilidade de acaso no vocabulário da ciência psicológica. Para Bacon, os filósofos deveriam investigar os poderes e as energias dos costumes, os exercícios, os hábitos, a educação, os exemplos, a imigração, a emulação, a companhia, a amizade, o elogio, a reprovação, a exortação, a reputação, as leis, os livros, os estudos, pois tais são as coisas que dominam a mente dos homens (“A grande reconstrução da Filosofia: progressos na aprendizagem”, 1603-1605, traduzida do *De Augmentis Scientiarum*, 1622). Bacon, como Platão, enfatizou já a importância dos especialistas nas diversas vivências. A presença de um pensador apenas sobre uma determinada área é insuficiente para abranger um corpo todo de conhecimentos.

Spinoza tomou como questão básica para pensar a Psicologia a diferença entre intelecto e vontade. Depois de argüir muito sobre a questão, separa o intelecto como uma série de idéias e a vontade como um termo abstrato para designar uma série de ações. Finalmente, chega a pensar em ambas como pouco diferenciadas.

Após haver tentado solucionar a questão da diferença entre corpo e mente, reduz o problema à questão do grau de diferença entre intelecto e vontade. Não há para Spinoza faculdades na mente, nem entidades separadas chamadas intelecto e vontade, menos ainda imaginação ou memória. A mente não é uma agência que trate de idéias, mas as próprias idéias no seu processo e concatenação. Aí está uma ligação de Spinoza com a teoria da asso-

ciação. Falando ainda do corpo e da mente, conclui Spinoza que as ações humanas seguem leis fixas, como as da Geometria; portanto, a Psicologia deveria ser estudada de forma geométrica e com uma objetividade matemática. Diria ele que poderia escrever sobre os seres humanos da mesma forma como pode escrever sobre linhas e sólidos. O que Spinoza buscava na Psicologia que propunha era compreender as ações humanas, e, para isso, *analisava as paixões não como vícios da natureza humana, mas como propriedades pertinentes ao humano, como o calor, o frio, a tempestade, os raios e trovões são peculiares à natureza da atmosfera.*

Um momento importante na história do desenvolvimento da idéia de Psicologia da Educação é, indiscutivelmente, a figura de Rousseau. O argumento de Rousseau, peculiar e quase sozinho na França, era lutar contra o materialismo e o ateísmo do Iluminismo. Sua contribuição filosófica, de grande porte, está no ensaio submetido à Academia de Dijon, a influência do progresso da ciência e das artes sobre os homens, o que lhe garantiu o prêmio competitivo.

Sua famosa novela, *La Nouvelle Heloïse*, de 1761, ilustra em grande extensão a superioridade de sentimentos sobre o intelecto; o sentimentalismo tornou-se a moda entre as senhoras da aristocracia, assim como entre os homens. A França, que havia durante séculos mergulhado na literatura, mergulhava-se agora nas lágrimas, dando origem ao movimento literário romântico de 1789-1848.

É em *Emílio*, porém, que se encontra o romance pedagógico mais famoso, composto em 1762. Ainda que o romance tivesse um endereço certo, e esse era o arcebispo de Paris, que considerava Rousseau um insubordinado e revoltado, devendo ser expulso da França, o romance estabelece os fundamentos da Pedagogia moderna. Partindo de um conselho que lhe foi solicitado, de como a mãe deve criar seu filho, Rousseau expandiu suas opiniões, formando um esquema de referência para a educação primária.

Emílio é um herói em miniatura, educado separado de outras crianças por um professor, por meio de uma série de experimentos conduzidos pela própria criança, freqüentemente com sérias conseqüências. Aos poucos, a compreensão pueril cede lugar à compreensão dos princípios da Física, Mecânica, jardinagem, propriedade e moral. A parte final refere-se ao casamento de Emílio com Sofia, uma menina que foi educada de maneira semelhante.

Arbitrários, mas sempre engenhosos e estimulantes, os experimentos apresentados são verdadeiros passos de conhecimento. Como objeto de aulas, as discussões com o jardineiro e o contato com o charlatanismo são insuperáveis em simplicidade diante das idéias complexas de propriedade e de magnetismo.

Sem dúvida alguma, o trabalho de Rousseau, especificamente em *Emílio*, influenciou o volume de Pestalozzi, *Como Gertrudes educa seus filhos*, assim como influenciou Basedow e Fröebel.

A leitura do Emílio por Kant foi muito importante, um acontecimento na vida de um homem que estava lutando para sair do ateísmo e que afirmava a prioridade do sentimento sobre a razão teórica. Procurou então Kant uma forma de reunir as idéias de Berkeley e de Hume com os sentimentos de Rousseau.

Talvez fosse mesmo possível pensar num curso se desejássemos permanecer nas reflexões de Herbert Spencer sobre Psicologia e educação. Todavia, uma vez que iniciamos uma trajetória dessa natureza, não podemos passar por Spencer deixando-o apenas como citação. Os dois volumes, *Princípios de Psicologia*, publicados em 1873 (houve um volume anterior, publicado em 1855), são uma defesa vigorosa do materialismo e do determinismo. Ambos os volumes são um conjunto de proposições nunca postas à prova e que poderiam ser colocadas mais no plano da opinião pessoal do que num plano científico. Todavia, o que é mais vibrante é que pela primeira vez no tempo, na história da Psicologia defrontamo-nos com um traço resolutamente evolucionista lamarckiano.

Os dois volumes sobre Psicologia publicados por Spencer (1873) são os elos mais fracos no seu pensar. Anteriormente a estes dois volumes, houve um outro, publicado em 1855, no qual ele faz uma apologia do materialismo e do determinismo.

O que poderia nos chamar a atenção de forma especial é que em Spencer, pela primeira vez, encontra-se um ponto de vista definitivamente evolucionista, uma tentativa de explicação genética desde o pensamento até as operações nervosas mais simples e, finalmente, até o movimento da matéria.

É provável que haja objeções em colocar Friedrich Nietzsche numa trajetória que tenta mostrar que a Psicologia, e principalmente a Psicologia Aplicada à Educação, não é uma ciência nova, que surgiu no início do século

XX, com Thorndike. Entretanto, toda a obra do filósofo está eivada de reflexões psicológico-educacionais. É, porém, em *Humano muito humano* que Nietzsche se revela como um psicólogo.

Nietzsche propôs-se a explicar o comportamento humano em termos de “força e poder”, segundo ele nossas forças propulsoras básicas. O discurso de Nietzsche é um discurso simbólico. Quando fala do Super-homem (*Übermensch*), refere-se ao repúdio ao conformismo a simples normas, à mediocridade e à estagnação. Ele próprio rompeu com a ordem estabelecida, a fim de conseguir sua individualidade peculiar, buscando um educador no qual pudesse contemplar seu ideal. Os gregos representaram tal ideal no Super-homem de Nietzsche. No volume *Zarathustra*, o Super-homem aparece pela primeira vez, junto com o Eterno Retorno, a Força e o Poder, que não haviam ainda sido completamente desenvolvidos. Na sua fala, Zarathustra começa: “Eu vos ensino o Super-homem. Isto é, o homem é algo que precisa superar-se (*Überwunden*). O que tendes vós feito para superá-lo?”. Para Nietzsche, *cultura é inseparável de educação*. Sua primeira preocupação é a obtenção de cultura e o estado de mente que se defronta com essa cultura. Há uma fé, uma confiança naqueles que buscam a cultura, uma fé que vai além do ressentimento, porque ela afirma não apenas o seu próprio ser, mas também toda a sua existência; é a mesma fé de Spinoza e de Goethe.

Nietzsche dirige-se especificamente aos educadores, chamando a sua atenção para a importância de *se educarem antes de serem educadores*.

Seguindo a trajetória que defini de início, estou tentando colocar Psicologia e educação numa proximidade tal de forma que pudéssemos perceber o relacionamento entre ambas no panorama do pensar humano.

George Santayana vê a Psicologia derivando da literatura e assumindo fórum de ciência quando busca as bases mecânicas e materiais para qualquer evento mental. Para Santayana, mesmo o pensar extraordinário de Spinoza sobre as paixões constitui uma Psicologia literária. São os behavioristas do seu tempo que estão no caminho correto em direção a uma Psicologia científica, e por isso deveriam ser seguidos.

A vida é totalmente mecânica e material, de forma que a consciência, que não é uma coisa, mas uma condição ou um processo, não pode ter nenhuma causa eficaz; a eficácia está no calor com o qual o impulso e o desejo impelem o cérebro e o corpo.

Não é difícil ver-se aí, nesse grande professor de Harvard, que lá chegou em 1872 e permaneceu até 1912, o estabelecimento da tradição behaviorista, que veio, posteriormente, desenvolver-se no sistema de Skinner.

Até agora, exato com Santayana, estivemos caminhando com os filósofos europeus. Com William James, o pronunciamento norte-americano se faz sentir.

William James procura criar um discurso calcado sobre o homem comum, o que ele chamou de “homem da rua”. Seu discurso não é um discurso suave e aristocrático como o de Santayana; antes, porém, está eivado de força e de direção, que tornaram seu pensar pragmatista o correlato mental e prático da vida norte-americana.

O volume *Princípios de Psicologia*, uma obra genial, é uma mistura fascinante de anatomia, fisiologia e análise. A direção de seu pensamento foi sempre para as coisas.

Se fôssemos discutir cuidadosamente o pragmatismo, iríamos concluir que ele não é genuinamente norte-americano, mas que tem as suas raízes profundas na razão prática de Kant, na exaltação da vontade de Schopenhauer e na idéia de evolução da Darwin. Todavia, a maneira de apresentar o pragmatismo é um modo genuíno de William James, uma vez que não incluía o espírito dos americanos que haviam estabelecido a cultura do Sul, do Oeste e da Nova Inglaterra.

O discípulo direto de James é John Dewey. Durante sua estada na Universidade de Chicago (1894-1904), Dewey desenvolveu a tendência experimental que sempre caracterizou seu pensamento, e à época de sua morte, em 1952, estava ainda alerta para novos movimentos em educação e na escola do futuro. A posição de John Dewey na Psicologia e na educação, gerando uma Filosofia da Educação e uma Psicologia da Educação, seria uma longa história.

Achando mais importante fazer-se mais ciência e menos literatura, tanto na Psicologia como na educação, Dewey acrescenta ainda que essa ciência não deveria ser livresca, mas chegar aos alunos por meio da prática (maneira de fazer as coisas).

Dewey nunca teve grande respeito pela educação liberal, ou seja, pela cultura do homem livre, isto é, do homem que não trabalhou nunca. Vivendo no período de industrialização, por excelência, achava que o conteúdo curricular deveria provir das ocupações, mais do que dos livros. Numa sociedade industrial, a escola deveria ser uma oficina em miniatura e uma miniatura da

comunidade; a escola deveria ensinar por meio da prática e do ensaio e erro, ou acertos acidentais, as artes e as disciplinas necessárias para uma ordem econômica e social. A educação deveria ser reconcebida agora como o crescimento contínuo da mente e uma iluminação perene para a vida.

Estavam lançadas as idéias fundamentais, numa escola ativa, progressiva, como foi denominada, os fundamentos para a síntese que se iniciou nos Estados Unidos entre Psicologia e educação, para formar uma área de atividades denominada Psicologia Educacional.

Com John Dewey instalou-se definitivamente uma Filosofia da Educação essencialmente norte-americana, fundamentada no funcionalismo de James e no evolucionismo de Darwin. Sua melhor obra é *Democracia e educação*. Dewey inicia sua reflexão filosófico-educacional na Universidade de Chicago. É, todavia, na Universidade de Colúmbia que ela realmente se realiza.

Nesse início de século XX, se, por um lado, Dewey ocupava-se com a educação e como ela deveria ser ministrada na escola, Thorndike preocupa-se com as questões da aprendizagem. Fundamentando-se no behaviorismo de Watson, de um lado, e no funcionalismo de James, de outro, surge com um enfoque peculiar para os problemas da educação e principalmente para as questões da aprendizagem. É, pois, com Thorndike que o termo "Psicologia Educacional" se instala nos Estados Unidos, como conseqüência do volume publicado em 1903. Embora já se falasse em Psicologia Educacional de maneira fluida, é a publicação de Thorndike que dá corpo doutrinário a essa área de estudos. As idéias de Thorndike sobre aprendizagem podem ser mesmo consideradas definições operacionais da *Psicologia Educacional, uma vez que essa área nova de estudos é definida como aquela que na Psicologia tem sua aplicação aos problemas da educação*.

A idéia que Thorndike tinha do que em Psicologia poderia ser aplicado à educação era bastante ampla, como demonstra a edição dos três volumes publicados de 1913 a 1914, que incluem, virtualmente, todo conhecimento de Psicologia que tivesse qualquer possibilidade de ser quantificado.

Antes do uso definitivo e exclusivo do termo Psicologia Educacional, alguns outros psicólogos, como Münsterberg (1909) e Morgan (1911), haviam já escrito alguns trabalhos sobre *A Psicologia e o professor*, ou *Psicologia para professores*. Nenhum nome específico, todavia, havia sido atribuído a tal área de estudos.

O estabelecimento definitivo de uma área como a Psicologia Educacional gerou, em 1930, formas peculiares de pesquisa, tais como estudos comparativos de métodos de ensino. Logo tais preocupações entraram em declínio, para colocar em evidência experimentos clássicos de laboratório sobre aprendizagem, medidas de inteligência, diferenças individuais, solução de problemas e pensamento. Gradualmente, a área de estudos que se havia iniciado como estudos de Psicologia aplicados à educação começou a invadir o campo específico da pesquisa em educação, para se preocupar com pesquisas sobre professor, interesses, ensino automatizado, conceitos e conhecimentos complexos, justamente com a discussão de problemas estatísticos especiais com que se defrontam os pesquisadores, os educadores e os psicólogos educacionais. Inicia-se, então, um momento peculiar na Psicologia da Educação, que se caracterizaria muito mais pelo método da pesquisa em educação do que pelos problemas específicos de uma área de estudo da Psicologia aplicados à educação.

Não se poderia dizer, seguindo a linha de desenvolvimento do pensamento europeu ou norte-americano, que a Psicologia Educacional possa ser identificada como uma área consagrada de estudo, assim como não se poderia dizer que os psicólogos educacionais tenham uma identidade própria. Todavia, poder-se-ia identificar uma leitura ampla de pesquisas que se inclina ora para a Psicologia, ora para a educação, ora para uma área intermediária entre as duas.

O *Journal of Educational Psychology* foi fundado em 1910 e o primeiro volume apresenta um artigo de Thorndike intitulado "As contribuições da Psicologia à educação".

Neste artigo, Thorndike proclama que a Psicologia, como uma ciência nova, iria dar grandes contribuições à educação, assim como a educação iria modificar em muito a Psicologia, como uma ciência que estava surgindo. A validação desta perspectiva de Thorndike pela história seria motivo para um grande e longo debate.

O *Journal of Educational Research* foi fundado dez anos mais tarde e evidenciava já o impacto da Psicologia sobre os problemas de medida em educação.

O *American Journal of Educational Research* foi fundado em 1964 e, ainda que estivesse dirigido para a área da pesquisa em educação, a grande maioria dos artigos referem-se a aplicações da Psicologia à educação. O que de fato

sucede no presente momento, quando olhamos a Psicologia Educacional como área de estudos e pesquisas, e quando tentamos fazer uma revisão do que acontece nesse campo de estudos, é apenas constatar que o *campo da educação*, tomado no seu sentido mais amplo, pode fazer uso eficiente e absorver o trabalho dos psicólogos com antecedentes os mais diversos. Esse impacto da Psicologia sobre a educação está se expandindo e creio que poderá ser definido no momento histórico presente. Vários problemas que merecem estudos cuidadosos e se situam em áreas interdisciplinares, como Medicina, Psicologia e educação, estão solicitando reflexões cuidadosas por parte dos psicólogos e dos educadores. Algumas vezes, os psicólogos educacionais tradicionalistas ficam perplexos com a apresentação de uma problemática corrente, que não pertence especificamente a área alguma, mas está ocorrendo no campo da educação e da Psicologia.

Uma dessas áreas é a Sexologia. Os psicólogos educacionais tradicionalistas, perplexos, preferem colocar tais problemas distantes da educação, numa área da Medicina, por exemplo, quando o problema poderá ser especificamente um problema da Psicologia e da educação. Estamos observando, atentos ou não, as mudanças sociais que estão operando e as conseqüências que poderão ter sobre a educação. Até que ponto é possível falar-se ainda em currículos, dentro do esquema tradicional e formalista destes vinte últimos anos? Ou, ainda, poderíamos, de fato, afirmar que existe tal coisa, chamada aprendizagem? É voz corrente, hoje, que o computador é um dos excelentes auxiliares na educação que se ministra na escola. As firmas multinacionais estão aí produzindo computadores e o governo federal está colocando verbas disponíveis exclusivamente para pesquisas sobre o computador na escola. Qual é a resposta humana aos aparelhos, recursos e maquinaria que cercam o humano no momento presente? Esta resposta humana constitui uma tecnologia existencial; tal tecnologia refere-se ao envolvimento com as nossas próprias criações, que desenvolvemos no mundo contemporâneo.

Se o começo do século viu surgir na América do Norte e, posteriormente, no Brasil e talvez em outros países, uma área específica de estudos, concentrada na segmentação dos atos humanos, os pensadores atuais estão começando a tomar consciência do papel que a tecnologia desempenha na vida humana. Na Europa, esta preocupação já é mais antiga e se mostra de forma clara no discurso marxista.

Aqui, ao discutirmos o presente e as perspectivas de um futuro como um presente a chegar, pode parecer que estamos saindo dos limites epistemológicos clássicos da Psicologia e da Psicologia Educacional. Isto é verdade se admitirmos que a Psicologia, como está, constitui uma região ontológica fechada em si mesma e com problemas específicos para estudar.

Parece-me que estamos mesmo em crise na ciência contemporânea, e isto é muito frutífero. Acredito que, se estamos aqui interessados em propor nova problemática, não será tentando recuperar a Psicologia Educacional do início do século que iremos fazer progressos, mas parece-me que um programa novo de estudos envolveria:

1. pensar algumas vivências diárias e os efeitos que elas têm sobre nós. Seria um interesse no exame do contexto de consciência diante de todos os objetos tecnológicos que nos circundam;

2. pensar como poderemos compreender e interpretar o arsenal tecnológico que nos cerca e que se torna cada dia mais indispensável;

3. pensar a tecnologia e suas relações com o conceito de si mesmo e identidade. Cada um de nós, como humano, é intérprete de si mesmo; portanto, historicamente, encontra-se numa situação interpretativa com respeito à tecnologia.

Joel Martins (†1993)
Ex-Reitor da PUC-SP,
fundador do Setor de Pós-Graduação da PUC-SP
e fundador do Programa de Estudos Pós-Graduados
em Psicologia da Educação da PUC-SP